



Discurso de posse da Profª Rejane como sócia efetiva do Instituto do Ceará.

## Discurso de posse no Instituto Histórico do Ceará

REJANE MARIA VASCONCELOS ACCIOLY DE CARVALHO\*

Ser acolhida como sócia efetiva desta Casa do Barão é uma honra que certamente excede aos meus méritos pessoais e que recebo com duplo sentimento: de gratidão aos que generosamente me honraram com o seu voto de confiança, mas antes de tudo, de responsabilidade em relação à tarefa que cabe a todos que aqui ingressam de manter viva a chama dos ideais dos que fundaram o Instituto do Ceará no longínquo ano de 1887.

Émile Durkheim, em sua clássica obra *Formas Elementares da Vida Religiosa* destaca que as formas primeiras das representações coletivas são religiosas, elevando à condição de coisas sagradas as imagens das origens comuns de grupos humanos simbolizadas nas figuras totêmicas. Para este eminente sociólogo, a fonte do sagrado brota da própria vida social ou moral, que por sua vez supõe uma igreja, definida como uma comunidade cujos membros estão unidos pelo fato de se perceberem como partes de um mesmo corpo, de partilhar crenças em um destino comum rememoradas ritualisticamente.

*“As representações religiosas são representações coletivas que exprimem realidades coletivas; os ritos são maneiras de agir que surgem unicamente no seio de grupos reunidos e que se destinam a suscitar, a manter ou a refazer certos estados mentais desses grupos.”<sup>1</sup>*

Os momentos solenes de posse de novos membros têm assim o caráter de celebração ritual da Instituição que se eterniza

---

\* Sócia Efetiva do Instituto do Ceará.

<sup>1</sup> DURKHEIM, Émile. *As Formas Elementares da Vida Religiosa*, p. 38, Edições Paulinas, SP, 1989

pela renovação de seus princípios e de suas crenças. Aqueles que a integram em determinados momentos de sua história não são mais que elos de uma corrente que atravessa gerações, e que por essa razão perpetua-se.

Os ritos de batismo de um novo sócio não podem dispensar portanto a justa homenagem ao seu antecessor. É o que faço agora com um breve perfil biográfico do professor Hélio Melo. Nascido a 19 de novembro de 1921, em Fortaleza, filho de Pedro Melo e Maria Conceição Souza Melo, Hélio de Sousa Melo fez seus estudos preparatórios no Liceu do Ceará, bacharelando-se em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito do Ceará (UFC) em 1945. Filólogo, destacou-se por sua cultura lingüística, justificando a nomeação a ele atribuída de *gramático oficial do Ceará*.

A difusão de seus conhecimentos se fez através do exercício do magistério nos mais tradicionais colégios de Fortaleza e da militância como sócio fundador e membro titular de importantes associações culturais nacionais e estaduais, entre as quais destacam-se a Academia Brasileira da Língua Portuguesa e a Academia Cearense de Língua Portuguesa. Como reconhecimento de seus méritos, foi eleito sócio efetivo do Instituto do Ceará em 5 de maio de 1975. Entre suas numerosas obras publicadas destacam-se: *Tudo sobre Pontuação* (1961); *Caminhos do Vernáculo* (1961); *Estudos Ortográficos* (1972); *Português para o Povo* (1972); *Vocabulário de Análise Sintática* (1972); *Acentuação Gráfica* (1975); *Martiniz Aguiar, Apóstolo do Vernáculo* (1977).

Este é também um momento de ressaltar a missão maior do Instituto do Ceará, cujo desempenho, assegurado por seu corpo de dirigentes e sócios, elucida as razões de sua longevidade, fenômeno que vai na direção oposta ao "império do efêmero" que marca a cultura contemporânea: a construção de uma memória coletiva que nos constitui como *cearenses*, que permite que nos reconheçamos e sejamos reconhecidos em nossas particularidades.

No dizer de Maurice Halbwachas a memória de cada um dos homens que se aproximam para a realização de uma obra comum é muito limitada para guardar tudo o que ocupou o pensamento do grupo no cenáculo literário, na assembléia, no campo de lutas

que outrora envolvia a todos. A memória individual não se basta, temos a necessidade de apoiar-nos na dos demais, ou seja, *lembrar juntos*, para que continuemos a “falar a mesma língua”.<sup>2</sup>

Para Weber<sup>3</sup> o conceito de nação não é essencialmente econômico e sim fundamentado em um *pathos* emocional que percorre e unifica simbolicamente uma “comunidade política” através de um sentimento de solidariedade específico que pertence à esfera dos valores. O mesmo se pode dizer em relação ao sentimento de regionalidade ou de natividade. Nós não somos cearenses apenas porque nascemos em um determinado território, mas porque somos capazes de construir e contar para nós mesmos a história do que nos faz cearenses. E neste sentido é inegável o pioneiro e vigoroso papel desempenhado pelo Instituto do Ceará como *locus* privilegiado de construção e preservação de uma memória cearense. O legado intelectual consubstanciado em obras seminais sobre a história, a geografia, a cultura e a política do Ceará atestam isso de forma definitiva. Entre as numerosas obras destaco, à guisa de ilustração: *Geografia do Ceará (1924)*; *Usos e Superstições Cearenses* e *Dicionário Bibliográfico Cearense*, de autoria de seu sócio fundador e 3º presidente desta Instituição, Guilherme Studart ou como é conhecido, Barão de Studart; *Lições de Geografia Geral*; *O Ceará no Começo do Século XX* e *José Martiniano de Alencar - O Homem e o Homem de Letras*, cujo autor Tomás Pompeu de Souza Brasil ocupou a presidência desta casa de 1908 a 1929; *Proto-História do Ceará*; *História das Secas*; *Esboço Fisiográfico do Ceará*; *O Homem do Nordeste*, de Thomas Pompeu Sobrinho (4º presidente de 1938 a 1967); da vasta obra do Professor Raimundo Girão, *História Econômica do Ceará*; *Geografia Estética de Fortaleza*; *Bandeirantismo Baiano e Povoamento do Ceará*, *Antologia Cearense*; *Pequena História do Ceará*.

Para melhor compreender uma instituição é indispensável situá-la no contexto histórico no qual emerge. A fundação do

<sup>2</sup> HALBWACHAS, Maurice. *A Memória Coletiva*; Vértice, SP, 1990.

<sup>3</sup> WEBER, Max. *Economia e Sociedade - Fundamentos da Sociologia Compreensiva*. Volume 2; Editora UNB, Brasília, 1999.

Instituto do Ceará reflete a atmosfera de ebulição cultural vigente no país na segunda metade do século XIX que se irradia dos grandes centros metropolitanos para as províncias urbanas em expansão, como era o caso de Fortaleza.

Tinha-se aqui a germinação de uma esfera pública liberal nos moldes da existente na Europa no século XVIII e que Habermas analisa e define como a esfera de reunião de pessoas privadas que, pelo uso do entendimento, do debate racional, pretendem chegar ao melhor argumento sobre grandes questões pertinentes à vida social e política do seu tempo.<sup>4</sup> Esfera pública que pressupunha a autonomia da palavra e do pensamento em face do poder discricionário do Estado, invocando para si a pretensão de atuar como consciência crítica do poder.

Fundado em 1887 por 12 homens ilustres, o Instituto Histórico do Ceará apresentava características comuns às que Habermas identifica como peculiares às instituições da *esfera pública liberal*: autonomia em relação ao Estado e exigência de uma espécie de sociabilidade que pressupõe a igualdade de *status* (a igualdade do meramente humano) entre os seus pares como base para que o princípio da autoridade seja sempre o do melhor argumento, e o ideal da busca da verdade vingue, mesmo quando contrário às idéias dominantes e aos poderes estabelecidos.

O Instituto é contemporâneo ao surgimento dos grêmios literários, dos cafés e das academias onde em acirrados debates cultivava-se a argúcia dos espíritos e o domínio dos conhecimentos. O historiador e consócio Dr. Raimundo Girão, em *Geografia Estética de Fortaleza*, introduz os leitores na atmosfera sedutora da Fortaleza do século XIX que modernizava seu traçado urbano com praças, cafés, *bulevares*, cine, teatros, as primeiras livrarias e clubes sociais. Da segunda metade do mesmo século data a proliferação das associações culturais como a Academia Francesa de Letras (1872), que reunia estudiosos das letras e ciências; a Academia Cearense de Letras (1894); o Clube Literário (1886); a Padaria

---

<sup>4</sup> HABERMAS, Jürgen. *Mudança Estrutural da Esfera Pública*. Tempo Brasileiro, RJ, 1978.

Espiritual (1892). Quase sempre os grupos culturais ou políticos estendiam seus debates e firmavam suas posições na “esfera pública” através da edição de jornais ou revistas de reduzidas tiragens que circulavam principalmente entre os próprios pares destes núcleos de literatos e intelectuais. Sem estrutura empresarial ou profissional, a imprensa do período enquadrava-se na classificação proposta por Habermas de “imprensa opinativa” que, a serviço de um público pensante, não atuava como mero órgão de transporte de informações, mas como instrumento de difusão pública de uma argumentação carregada de intencionalidade política. No Ceará quase todos os intelectuais tinham uma militância jornalística em jornais ou revistas freqüentemente por eles próprios fundados, artesanalmente reproduzidos e editados: *O Libertador* (do qual participavam Farias Brito, Justiniano de Serpa, José Olímpio e Antônio Sales, entre outros); *A Quinzena*, revista do Grupo Literário; O jornal *O Pão* (da Padaria Espiritual), *A Verdade*, *Galeria Cearense* (1880), *O Ceará* (1888), são alguns entre os muitos citados pelo historiador Raimundo Girão.

Vale destacar que a *Revista do Instituto do Ceará* começou a ser editada no mesmo ano de fundação da instituição (inicialmente em gráfica montada pelo próprio Barão de Studart) e tendo como objetivo principal publicar a produção intelectual de seus sócios.

O que distingue o Instituto do Ceará da maioria das demais associações culturais fundadas ao seu tempo é a sua longevidade, explicável entre outras razões por sua orientação precursora para a pesquisa histórica, geográfica e antropológica. O que, no entanto não afastou a Instituição do engajamento em movimentos políticos importantes como a luta contra a escravidão, por exemplo.

Sendo eu a sexta mulher a ser eleita para compor o quadro de sócios efetivos do Instituto do Ceará gostaria de prestar meu tributo às que me antecederam cujos nomes menciono seguindo a cronologia de seus ingressos nesta casa: professora Júlia Carneiro Leão de Vasconcelos, filha de meu tio-avô e um dos fundadores do Instituto do Ceará, Dr. Antônio Augusto de Vasconcelos (1930); professora Maria Rodrigues conhecida como Alba Valdez (1936);

professora Zélia Camurça (1967); Maria Conceição de Souza (1982) e Valdelice Carneiro Girão (1988).

A relevante contribuição destas mulheres pioneiras está registrada no primoroso texto de autoria de uma delas, a historiadora Valdelice Carneiro Girão, intitulado *A Mulher no Instituto Histórico*. A crescente afirmação feminina nos campos das letras, das artes e das ciências certamente tem conduzido ao rompimento de preconceitos como o expresso no episódio de eleição da primeira sócia do Instituto em 1931, quando um dos sócios, Dr. Teodorico da Costa, usou da palavra para manifestar publicamente e pedir o registro em ata de seu voto contrário à participação de mulheres em agremiações científicas.<sup>5</sup>

É com emoção que assinalo que meu ingresso nesta casa ensejou-me a evocação e o reencontro com minhas raízes familiares.

Reli a biografia de meu tio-avô, Dr. Antônio Augusto de Vasconcelos, um dos doze fundadores desta casa, escrita por seu filho, o ilustre jurista Abner de Vasconcelos, também sócio efetivo do Instituto. Encantei-me com a luta daquele valoroso homem de letras que colocava seus ideais e convicções morais acima das ambições pessoais. Bacharelou-se em direito na Faculdade de Recife onde destacou-se na vida cultural da academia, rivalizando na tribuna com o grande orador Joaquim Nabuco. Voltando à terra natal, assumiu em 1879 as funções de promotor em Canindé depois em Granja, município onde deu início a sua grande missão de difusão da cultura com a organização de uma associação musical e um curso noturno para o ensino de humanidades. Em Fortaleza integrou os quadros de professores do Liceu do Ceará e do Colégio Militar. Nas palavras de seu filho, *“tinha o gosto de fundar os jornais em que batalhava em favor das boas idéias.”* Profundamente religioso, participou ativamente, como redator dos jornais *A Verdade*, *O Ceará* e a *Galeria Cearense*, do fogo cruzado dos grandes debates cívicos que marcaram a passagem do Império para a República. A fundação da Escola de Direito do Ceará teve a

---

<sup>5</sup> Relatado por Valdelice Girão no texto *A Mulher no Instituto Histórico*.

marca de seu empenho, tendo permanecido no exercício do magistério até mais de 70 anos de idade. Sua maior vocação está sintetizada no título dado por seu filho à sua biografia: *O Perfil de um Educador*.

Gostaria, finalmente, de ressaltar os laços que unem esta casa à outra instituição que integro, a Universidade Federal do Ceará. Uma das mais celebradas figuras do Instituto do Ceará, o Dr. Antônio Martins Filho, foi o arquiteto intelectual, fundador e 1º reitor da UFC. Parte dos pesquisadores que se agregaram ao Departamento de Ciências Sociais e Filosofia da UFC, ao qual pertenço, é oriunda do programa de estudos e pesquisas desenvolvido pelo Instituto Antropológico do Ceará, umbilicalmente ligado a este Instituto através da figura do Dr. Thomaz Pompeu Sobrinho que presidia as duas instituições. Tenho o prazer de aqui encontrar vários companheiros professores da UFC, evidenciando a atualização dos laços entre as duas instituições. As atividades de pesquisa sobre a história e a cultura do Ceará, que as unem, tornam possível e necessária a soma de esforços no desenvolvimento de projetos comuns. Este é o meu desejo, e é nesta direção que pretendo trabalhar como sócia efetiva do Instituto, contribuindo, ainda que modestamente, para integrar cada vez mais as tradições de estudos e pesquisas destas duas grandes instituições cearenses.

Encerrando, agradeço aos que propuseram o meu nome para sócia efetiva desta casa, professor Geraldo Nobre, Dr. Paulo Ayrton Araújo e professor Pedro Alberto de Oliveira e Silva.

Agradeço a presença da minha família e dos amigos que aqui vieram para prestigiar esta solenidade. Agradeço ao meu marido, João Paulo Accioly de Carvalho e aos meus filhos, Alexandre, Adriano e Carla Bianca, pelas muitas alegrias que compartilhamos, às quais vem se acrescentar este momento de festa. Minha gratidão especial ao meu pai, José Furtado de Vasconcelos, que me encaminhou desde muito jovem ao caminho do amor aos livros e ao gosto pelo labor da escrita, e de quem muito me orgulho pelo autoditatismo que o tornou, aos quase 70 anos de idade, um pesquisador e autor de vários livros de poesia, história e crítica literária.